

DE MÉDICO E LOUCO

Cada um tem um pouco?

Na produção artística da idade da pedra até hoje pode-se notar o olhar do escultor ou pintor, atento aos detalhes que só não passariam despercebidos a um bom clínico. Picasso, aos 15 anos, pintou seu primeiro grande quadro “Ciencia y Caridad”, em que retrata um médico examinando uma doente em seu leito. Seu pai posou para a figura do médico. No livro “Ossos, corpos e doenças” Calvin Wells nos dá uma série grande de fotos e gravuras de obras artísticas retratando os mais diversos tipos de doença e mal-formações. As mais interessantes são um baixo-relevo egípcio da XVIII Dinastia, 1350 a.C., representando um harpista cego, com atrofia e estreitamento das pálpebras. Do museu de Arte Popular de Viena vê-se uma estatueta de um homem de Benin-Nigéria de fins do século XVI (altura de 59,5cm). Trata-se claramente de um caso de acondroplasia.

Um afresco de Bernardino Luini (1475-1532), na Chiesa Degli Angeli, Lugano, mostra São Roque, o Santo Patrono da peste, apontando um bubão, que o artista colocou erroneamente distante dos gânglios linfáticos.

O quadro “La Barbada”, de José Ribera, que está no Museu do Hospital Tavera, em Toledo, retrata uma mulher barbada, amamentando seu filho, ao lado do marido. Trata-se provavelmente de um tumor de supra-renal.

Mas se a lista de artistas “médicos” é longa, a dos loucos não fica atrás. Às vezes a pintura foge aos padrões vigentes, está à frente da sua época, é considerada estranha e por conseguinte os pintores loucos. É o caso de Hieronymus Bosch (“O Jardim das Delícias”) e Goya, precursores dos expressionistas como Munch que em suas gravuras aborda temas

como sexo (Painel da Vida) e angústia (O Grito). Neste último ele se retrata com as mãos no rosto emitindo um grito. Está sobre uma ponte, a paisagem assimila o desespero do personagem, como se fosse uma continuação do seu psiquismo atormentado. Ao contemplá-lo parece-nos ouvir o som terrível desse grito.

No Brasil, temos a figura única de Arthur Bispo do Rosário. Na área da arte dos doentes mentais, Bispo é comparado aos melhores do mundo. O crítico, Mário Pedrosa e a psicanalista Nise da Silveira, falecida recentemente, interessaram-se pelo seu trabalho. Não se considerava um artista – ouvia “vozes” que lhe ordenavam fazer o inventário do mundo para levar a Deus. Produziu peças de grande beleza plástica, reproduzindo o mundo em tapeçaria, esculturas, bordados, colagens, pinturas, utilizando utensílios domésticos.

As drogas e o alcoolismo marcaram a vida e a obra de muitos como Pollock, fundador de uma arte americana original e de grande intensidade temperamental. Sua arte passou a ser vista como uma extensão de sua personalidade. O mesmo aconteceu com Francis Bacon, pintor irlandês falecido no ano passado, masoquista sexual. Em suas pinturas deformadas, pensou-se ver refletido seu estado psicológico. De Van Gogh e Gauguin todos conhecem a história. Mas, se é mesmo a loucura que movia esses homens, bendita seja, pois nos deixou um legado de arte inquietante, original e certamente imperecível.

Lenita Crespo R. F. de Sampaio

Professora Assistente do Depto. de Morfologia e Patologia – CCMB/PUC-SP.